

Jorge Caravana Collection



OURIVES NA ARMARIA INDIANA

Nuno Vassallo e Silva, Museu Calouste Gulbenkian

Na sua primeira viagem à Índia, em Melinde, na Costa Oriental de África, Vasco da Gama foi recebido pelo seu rei, mesmo antes de partir para Calicut. A descrição que nos deixou Gaspar Correia refere que o almirante português oferecera ao monarca uma rica espada em ouro esmaltado, “com suas cintas muito ricas como naquele tempo costumavam” que trazia numa caixa e ainda uma lança de ferro dourado e uma adaga forrada de cetim carmesim lavrada de “fio de ouro”. No momento da entrega Vasco da Gama explicava ao novo aliado do Rei de Portugal “Senhor, o vencimento dos grandes feitos é oferecer as armas em sinal de verdadeira amizade, e irmandade”¹.

Este episódio, do ponto de vista histórico, levanta algumas dúvidas já que os portugueses levaram nesta primeira viagem muito poucas ofertas que verdadeiramente impressionassem os senhores locais, o que por si só atesta o pouco conhecimento que tinham das paragens que encontrariam. Por vezes Vasco da Gama chegaria a ceder as suas próprias armas, o que comprova a escassez de ofertas com que os nossos navegadores se acompanharam. Mas, por outro lado, o que nos interessa realçar, atesta um facto bem significativo, a importância que as armas, sobretudo as armas brancas de aparato, terão nos contactos entre monarcas e outras figuras reinantes na construção do Império do Oriente. Armas, não menos importantes do ponto de vista artístico, sejam, neste caso, de peças em ouro esmaltadas ou em “fio de ouro” designação comum na época para a filigrana.

Nas páginas que se seguem procuramos traçar um breve retrato da arte dos ourives e de outras oficinas de luxo indianas que se encontra bem patente nas armas do sub-continente indiano que chegaram aos nossos dias. Sobretudo nos punhos, bainhas, ponteiras e em outros elementos que permitem a decoração conhecem-se notabilíssimos exemplos, com uma liberdade ornamental que por vezes nos surpreende e que podemos atestar na colecção Jorge Caravana. Vamos assim relembrar algumas das primeiras aquisições pelos portugueses na

¹ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, I, Porto, 1974, pp. 55-56.

Índia, o seu envio para a corte em Lisboa, revelando algumas ofertas e encomendas de armas de aparato realizadas já no século XVII, sem esquecer a importância alcançada na Índia com a armaria no período mogol. Concluímos com algumas notas referentes a duas adagas. Uma, um Kris, conservado em Viena, foi provavelmente executado em Goa, sob influência das várias artes que os portugueses contactaram e desenvolveram no oriente. A outra, uma adaga com bainha em ouro, ricamente ornamentada de pedras preciosas, encontra-se extraordinariamente descrita, mas infelizmente ignora-se o seu paradeiro.

Mas se foram várias as armas enviadas da Índia para a Corte Portuguesa, da Real Armaria também eram despachadas armas de aparato para o império. Nas ofertas da Embaixada enviada por D. Manuel ao Prestes João, em 1512, encontravam-se diversas armas como “Hua espada de armas dourada e anilada a maçã, cabos e comteira”, e ainda uma outra espada “de çingir dourada e anilada com bailinha de veludo e çimtas de tecido”²

1. Armas na construção de um império

Conquistando Goa, Afonso de Albuquerque simultaneamente lançava as raízes para a criação do futuro Estado Português da Índia, que se estenderia do Golfo Pérsico ao mar da China, onde a fundação da Casa da Moeda, em 1510, teve uma importância decisiva, permitindo, para lá do interesse financeiro, a circulação de moeda com as armas do rei de Portugal. Em pouco tempo iniciam-se as ofertas e aquisições de obras preciosas para o Rei D. Manuel, testemunhos da riqueza e importância das novas terras que então passava a dominar.

Foram, porventura, as armas, quase sempre aparatosas em metais preciosos, que o primeiro governador da Índia enviava aos novos aliados de Portugal, que funcionaram como verdadeiros embaixadores da potência marítima que emergia. Nas suas cartas Afonso de Albuquerque enumera algumas dessas ofertas, muitas das quais adquiridas no mercado de Goa, ou mesmo a particulares.

Sabemos assim que em Outubro de 1513, a Nuno Freire foram pagos catorze pardaos e meio por um punhal guarnecido de prata, que Afonso de Albuquerque lhe tomara para oferecer ao vedor do Idalcão ³. Logo no ano seguinte tomou à mulher de Manuel Arraez, para ofertas várias, uma cinta em prata dourada e um punhal, com bainha e *tachadeira* no mesmo metal ⁴. Em Novembro de 1514 na Embaixada enviada ao Rei de Cambaia destacava-se uma adaga em ouro com rubis no cabo, cuja guarnição em ouro havia custado quarenta e nove cruzados, com um arelhana (cinto) igualmente ornamentada com ouro no valor de dez pardaos, sem contar com os rubis que a enriqueciam ⁵.

² Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal, segunda série*, pp. 4-5, *Cartas de Afonso de Albuquerque*, II, Lisboa, Academia das Ciências, 1898, pp. 149-150.

³ *Ibidem*, II, 1898, p. 117.

⁴ *Cartas de Afonso de Albuquerque*, VI, p. 40.

⁵ *Cartas de Afonso de Albuquerque*, II, p. 132.

Em Maio 1515 dá-se um acontecimento da maior importância com o envio de uma embaixada portuguesa ao Xequé Ismael onde, mais uma vez as armas ocuparam lugar de destaque.⁶ Chefiada por Fernão Gomes de Lemos a embaixada tinha como missão procurar desdramatizar junto do Xá da Pérsia, a construção da fortaleza portuguesa de Ormuz. Antecedendo-a, o governador Português recebeu em Ormuz um emissário do Shah que, segundo as palavras de João de Barros apresentou “o presente; e porque entre as peças vinha uma cimta de ouro, e uma espada, por comprazer ao Embaixador, que lho pediu, Afonso de Albuquerque cingiu tudo, por entre eles se haver em sinal de paz e amor.”⁷ Tal como no encontro de Vasco da Gama em Melinde, a oferta de armas ricamente trabalhadas selava alianças, amizades e novos apoios. Para o Xá seguiram várias jóias e armas de aparato enriquecidas a ouro⁸.

Mas se foram muitas as armas oferecidas por Albuquerque aos reinantes orientais igualmente ofertou o seu monarca. Em Dezembro de 1513 envia Afonso de Albuquerque para D. Manuel, uma adaga guarnecida de ouro com um rubi e uma pérola. Arma que fora confiada, como prática habitual, ao capitão da nau S. Cristóvão que então partia de Goa para o Reino⁹.

O inventário realizado na recâmara e tesouro do Paço da Ribeira após a morte de D. Manuel atestam-nos a presença, em Lisboa, de inúmeras armas preciosas orientais, as primeiras recebidas na Europa.

Dentro das muitas armas que Pedro Carvalho, fidalgo da casa de D. João III, entregou a Rui Leite, destacava-se “Huñ cutello da Imdia douro que el Rey comprou a Alexandre d’ Ataide com sua bainha douro e hũa cadeia douro com que se pendura”¹⁰. A referência ao ofertante não é apenas uma indicação para facilitar a identificação da peça, mas igualmente uma manifestação de apreço. Alexandre de Ataide fora o judeu capturado em 1510 numa nau para Meca que convertido, tornou-se o tradutor de Afonso de Albuquerque, chegando mesmo a estar na Corte de Lisboa, altura em que terá ofertado o monarca.

Um outro punhal fora oferecido a D. Manuel pelo Rei de Narsinga “com muytos diamães e rrobis com sua bainha douro e sua faca e hũa perlla no cabo da comteira”. Ainda proveniente da Índia encontravam-se “dous cries com suas bainhas de pao com sete robys huñ deles e o outro com oyto robys e os punhos de hũas ymagens de mulheres de corno e as bainhas san forradas douro da Imdia com huñs noetes no punho em que estam”¹¹. Obras provavelmente malaias com as características figuras servindo de punho. Sem declarar a sua origem indiana, ou oriental, encontramos ainda a referência ao cris que deu Simão da Silveira a el Rei com a bainha

⁶ *Ibidem*, II, p. 149.

⁷ João de Barros, *Década Segunda da Ásia*, vol. IV, Lisboa, Livraria São Carlos, 1973, p. 425.

⁸ *Cartas de Afonso de Albuquerque*, II, Lisboa, Academia das Ciências, 1898, pp. 149-150, Nuno Vassallo e Silva, “Diplomatic embassies and precious objects in Hormuz: an artistic perspective” in *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*, ed. Dejanirah Couto e Rui Manuel Loureiro, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2008, p.219.

⁹ *Cartas de Afonso de Albuquerque*, II, p. 118.

¹⁰ Anselmo Braamcamp Freire, “Inventário do Guarda Roupas de D. Manuel” in *Archivo Historico Português*, Vol. II, Lisboa, 1904, p. 384.

¹¹ *Idem*, *Ibidem*, p. 384.

toda “chea de rrobys” e o punho de cristal. Esta arma certamente terá sido adquirida, entre 1515 e 1518, altura em que Simão da Silveira, esteve na Índia acompanhando Lopo Soares de Albergaria ¹². A título de curiosidade refira-se ainda que D. Manuel possuía dois escudos indianos, lavrados em prata ¹³.

Mas este inventário é igualmente um documento fundamental para o estudo da produção de armas por ourives, sobretudo joalheiros, ourives do ouro na terminologia quinhentista. Foi nesta fonte que se socorreu Sousa Viterbo para o seu trabalho sobre ourives—espadeiros e ourives da gineta, revelando nomes como Gonçalo de Mesa, Fernão Lopes, João Caldeirão, Vicente Caldeirão, Alvaro Pais ou João Fernandes ¹⁴. Ourives que executaram as mais diversas jóias, não apenas armas, algumas enviadas por D. Manuel para o Oriente como a coroa de ouro cinzelada por João Caldeirão que, em 1515, por D. Manuel ofertou ao rei de Cochim, através de D. Francisco de Almeida ¹⁵.

2. Goa, ourives e armas

Com a chegada dos navegadores portugueses e a instalação de fortalezas chegavam não só à Índia armas europeias mas ainda armeiros que as executavam, limpavam e vendiam. Sousa Viterbo enumerou alguns dos armeiros documentados que trabalhavam na Índia Portuguesa, profissão consagrada nos novos Regulamentos da Cidade de Goa, de 1627 ¹⁶. Mas, já antes, nos finais do século XVI, o Regimento que ordenava o modo como a cidade de Goa recebia, em entrada solene, os vice-reis indicava explicitamente que os lanceiros e armeiros deveriam ter nas suas porta e frontarias “com muitas lanças, armas, *armilhas* e capacetes”. ¹⁷

Uma importante carta, datada de Janeiro de 1527, dirigida a D. João III, enumera as queixas que seis armeiros portugueses, residentes em Cochim, Fernão Pires, João Anes, Pedro Anes, Afonso Pires e Nicolau Gonçalves, encabeçados por Gaspar de Castenheira, faziam sobre a imposição de uma taxa de ofício. Ora segundo os subscritores, tal como nos privilégios e costumes do Reino, eram isentos de pagar taxas sobre o seu ofício, algo que agora lhes queriam impor contra todos os costumes ¹⁸.

Mais tarde, em 1550 recebia carta de privilégio, o armeiro de Goa, Bernardim Paulo, que por ter a sua tenda sempre aberta e abastecida de tudo o que era necessário para o ofício, D. João III isentava-o a não servir em

¹² Pedro Dias, “A Descoberta do Oriente”, in *A Herança de Rauluchantim: Ourivesaria e Objectos Preciosos da Índia para Portugal nos séculos XVI - XVIII*, (catálogo de exposição), Lisboa, Museu de S. Roque / CNPCDP, 1996, p. 41.

¹³ Anselmo Braamcamp Freire, p. 417.

¹⁴ Sousa Viterbo, *Artes e Industrias Metálicas em Portugal: Ourives-espadeiros, ourives da gineta e freeiros*, Lisboa, 1903.

¹⁵ Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó, *Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares*, 2ª edição, Lisboa, 1974, p. 269.

¹⁶ Teotónio de Souza, *Goa Medieval*, Lisboa, Estampa, 1993, p. 153.

¹⁷ Teixeira de Aragão, *Descrição geral e Histórica das Moedas cunhadas, Descrição Geral e Histórica das Moedas*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1890, p. 70.

¹⁸ Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal*, pp. 47-49.

tempo de paz ou de guerra ¹⁹. Um ano mais tarde, o mestre de armaria da Cidade de Goa, António Toscano era sucedido no seu cargo por Jorge Toscano, seu filho ²⁰.

Muitas das armas de aparato enviadas de Goa, sejam para a Corte, sejam para os aliados do Rei de Portugal, foram adquiridas no seu riquíssimo mercado de preciosidades. Certamente que muitas provinham das mais diversas partes da Índia enquanto outras foram executadas nas próprias oficinas da capital do Estado Português da Índia. Tal foi o caso do punhal executado Mocadão dos ourives de Goa, Rauluchantim, em 1515, para D. Manuel. Certamente que a obra havia sido bem apreciada por Albuquerque que a encomendara, dado que nesse mesmo ano envia o ourives para Lisboa a fim de executar obras “de feição e uso da Índia” para o monarca português ²¹.

Bem mais tarde, em 1638, era enviada na Embaixada de Rodrigo Sousa e Castro a Achem, um riquíssimo cris, com o cabo, bocal, e conteira em ouro com diamantes. Obra executada em Goa, cuja ornamentação custara ao Erário do Estado Português da Índia, 10 121 xerafins e 3 tangas, tendo o trabalho do ourives importado em 460 xerafins e 38 reis ²². Só de diamantes despendeu-se 9080 xerafins e duas tangas. Infelizmente não sabemos se a lâmina teria igualmente feitura goesa, dado que o documento apenas refere o pagamento dos adornos em ouro. Muito provavelmente foi adquirida em tenda de armeiro especializado.

Muito pouco sabemos sobre a produção de armas em Goa. Todavia estes dois casos, cronologicamente bem afastados atestam que desde cedo os ourives colaboravam na execução de armas de aparato, sobretudo numa cidade onde facilmente se podiam encontrar matérias-primas preciosas. Aliás, para o punho do cris destinado ao Rei de Achem foi comprado em Goa “ouro da China”, assegurando “perfeição do dito cabo” dado que é de grande pureza, cerca de 23 quilates, o que atesta a riqueza e variedade das matérias primas disponíveis na capital do Estado Português da Índia. Acrescente-se que na década de 1620 sob o governo de D. Francisco da Gama correu na Rua Direita, centro do comércio de preciosidades de Goa, a notícia de uma bastarda feita de ferros de ouro guarnecida de diamantes, que o vice-rei levaria para Filipe II de Portugal ²³.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, pp. 130-131.

²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 157.

²¹ Nuno Vassallo e Silva, *A Ourivesaria entre Portugal e a Índia: Século XVI ao século XVIII*, Lisboa, Santander Totta, 2008, pp. 46-47.

²² «*Lista do custo do sagoado que foi deste estado / ao Rey de Achem pello embaixador francisco / de Sousa de Castro*

*Dez mil sento e uinte e hum xerafins e duas tangas que custou hum cabo / do cris com seu bocal e conteira de diamantes e ouro por esta manei/ras noue mil e oitenta xerafins e duas tangas de duzentos secenta / e noue diamanyes e hum marco sinco onças de ouro e quinhentos / setenta e hum xerafins quatro tangas e vinte e dous reis de dous marcos tres / onças e trinta seis graos de ouro da china que foi comprado / para perfeição do dito cabo e os quatro centos se senenta xerafins e trinta / e oito reis de feitio do dito cabo que huns e outros fazem dos ditos / dez mil sento e uinte e hum xerafins e duas tangas 10121-2-00/» AN/TT, Livro das Monções, L^o 43, fl. 205, in Idem, *Ibidem*, pp. 112-113.*

²³ Idem, *Ibidem*, p. 89.

3. Armas para o Grão-Mogol

Foi na Índia Mogol onde as armas atingiram o maior esplêndor do ponto de vista artístico associando o trabalho do armeiro aos ourives, esmaltadores, joalheiros e lapidários de pedras preciosas.

Em 1575 recebia Goa uma embaixada, ou missão, enviada pelo Imperador mogol Akbar, cujo eco e importância foi na época enorme. Akbar havia contactado com alguns mercadores portugueses nas campanhas de Cambaia três anos antes e ficara muito impressionado com estes “exóticos” europeus. Na altura deixara-se mesmo vestir ao modo português. Na missão que enviara a Goa, dirigida por Haji Habibullah, procurava saber mais sobre os portugueses, designados como *firangis*, pedindo ainda para que lhe adquirissem várias curiosidades da Europa, e ainda trajes, espadas e talabartes ²⁴. Ao longo de quase um ano os mogois estiveram em Goa apreendendo muitas das técnicas europeias, que levaram, juntamente com artífices portugueses, para o império, no norte da Índia.

Certamente marcado pelo período de presença dos artífices mogois em Goa, que influenciaram a produção local, patente em peças como o tesouro da Vidigueira, do Museu Nacional de Arte Antiga, que é exemplo maior, mas ainda nas faixas em prata dos cofres de tartaruga e madrepérola, destaca-se uma excepcional bainha de adaga, executada em ouro nos finais do século XVI, inícios do século XVII (Londres, Nasser D. Khalili Collection of Islamic Art) ²⁵. De forma tipicamente europeia, apresenta a superfície totalmente cinzelada com finos motivos florais de gosto oriental, mas onde se destacam acantos de evidente inspiração classicista. Esta bainha, de que infelizmente não se conhece a adaga correspondente, poderá ter sido uma encomenda portuguesa para ofertar a um alto dignitário mogol. Ainda em 1620 D. Francisco da Gama desejava ofertar ao sobrinho do embaixador do imperador Jahangir, alguns trajes “à espanhola”, isto é, com chapéus negros com plumas de cor e espada. O padre jesuíta António Monserrate, que permaneceu na Corte Imperial, em Fathpur Sikri e Lahore, entre 1580 e 1582, descreve-nos como Akbar gostava de usar, no seu dia a dia, tanto espadas como adagas de feitura europeia ²⁶.

No Império, as armas mais apreciadas, em aço com embutidos de ouro, eram as provenientes do Hindustão e do Irão ²⁷. Assentes na Corte imperial os artífices iniciaram uma produção que veio a acompanhar e assimilar os mais diversos estilos. Algumas das armas que se conhecem hoje parecem tratar-se mais de jóias, de adornos, passando a sua função original de defesa quase a uma reminiscência simbólica, se bem que nunca perdendo a sua funcionalidade letal. Muitas destas armas resultam de ofertas a militares por distinção em campanhas, sendo exibidas na Corte como testemunho de distinção.

²⁴ Nuno Vassallo e Silva, “Pedras preciosas, jóias e camafeus: a viagem de Jacques de Coutre de Goa a Agra” in *Goa e o Grão Mogol*, Lisboa / Londres, Fundação Calouste Gulbenkian / Scala Publishers, 2004, p. 118.

²⁵ *Goa e Grão Mogol*, cat. 119.

²⁶ *The Commentary of father Monserrate, S.J. on his journey to the Court of Akbar*, trad. de J. S. Hoyland, New Delhi, Asian Educational Services, 1992, p. 198.

²⁷ Susan Stronge, “Na terra do Mogor” in *Goa e Grão Mogol*, p. 139.

Uma pintura do designado álbum de Shahjahan, da Chester Beatty Library, da autoria de Hunham em cerca de 1650/1658, representa Rustam Khan um dos mais celebrados militares do império. O enorme cuidado do pintor com os detalhes, bem dentro da escola mogol, permite-nos observar uma série de jóias e adornos, que reflectem a brilhante carreira militar do retratado que se apresenta com duas espadas e adaga ricamente ornamentadas com ouro e pedras preciosas, para além de diversas jóias no turbante. No punho de uma das espadas são bem visíveis alguns importantes diamantes. Muitas destas jóias e armas foram oferta do próprio imperador Shahjahan após as campanhas de Qandahar, entre 1649-1650 que o militar exhibe orgulhosamente, e de que se fazia acompanhar nas cerimónias mais importantes na Corte ²⁸.

A presença de artífices das mais diversas nações no Império, entre os quais vários europeus, influenciaram decisivamente a produção de armas. A título de exemplo refira-se uma adaga mogol (*kard*), pertencente a uma colecção particular, datável de c. 1629-36, em jade branco apresentando no topo uma cabeça de criança. Esta recorda a cabeça de uma figura do Menino Jesus, tal como podemos ver nos marfins de Goa, possuindo uma gola tipicamente portuguesa ou espanhola. Muito provavelmente terá sido executada por um lapidário de origem europeia, como sabemos que se encontravam nas Cortes dos imperadores Jahangir e Shahjahan ²⁹. Numa pintura representando o Príncipe Salin, futuro imperador Jahangir, este surge com uma *kard* muito semelhante, com uma cabeça no topo do punho, suportada no cinto ³⁰. Recorde-se o português Lourenço Mendes, que durante muitos anos desenhou e executou jóias para Shahjahan, que posteriormente eram enriquecidas com pedras preciosas e esmaltes por ourives mogois, e que o Padre Botelho, em 1648 conheceu em Delhi ³¹.

Como escreveu Stephen Markel, o requintado sentido estético exibido nas artes decorativas mogois é igualmente patente nas armas criadas para o imperador e o exército imperial”. Tanto as adagas como as espadas, possuíam punhos ricamente realizados nos mais diversos materiais, com lâminas executadas no mais fino metal damasquinado. Os escudos eram igualmente ornamentados com grande variedade de materiais ³².

Chegou até aos nossos dias um grande conjunto de punhos de adagas mogois lavrados em pedras duras. Muitas vezes apresentam forma de animal como leões, carneiros ou mesmo cavalos. Estes eram dos temas mais comuns e apreciados. Alguns socorrem-se apenas de motivos florais, por vezes com riquíssimo trabalho de lapidação. Sabemos que os punhos e as lâminas eram vendidos separadamente, tal como surge numa miniatura onde vários punhos sem lâmina, se encontram para venda.

²⁸ Susan Stronge, “Decorative Arts in Mughal Painting” in *Muraqqa’ Imperial Mughal Albums*, ed. Elaine Wright, Alexandria, Virginia, 2008, pp. 189-200.

²⁹ Robert Elgood, “Mughal Arms and the Indian Court Tradition” in *Jewellery Studies*, vol. 10, London, 2004, p. 80; Manuel Keene, *Treasury of the World: Jeweled Arts of India in the Age of the Mughals*, London, Thames & Hudson/The al-Sabah Collection, 2001, cat. 13.1, p. 143.

³⁰ *The Indian heritage : court life & arts under Mughal rule*, (cat. de exposição), Londres, Victoria & Albert Museum, 1982., cat. 50.

³¹ Susan Stronge, “A Terra do «Mogor», p. 145.

³² Stephen Markel, “Jades, jewels and objects of art”, in *Romance of the Taj Mahal*, ed. Pratapaditya Pal, Londres/Los Angeles, 1989, p. 154.

Por vezes os punhos e bainhas eram totalmente em ouro, na técnica de *kundan*, um processo de revestimento de uma sólida resina com sucessivas camadas de folhas de ouro, que os portugueses designavam como “ouro de condena”, cravejado de pedras preciosas. Tal foi provavelmente a técnica da adaga oferecida a D. Sebastião, que abordaremos mais adiante. Não menos comuns são os cabos em pedras duras, como cristal de rocha ou jade, enriquecidos muitas vezes com aplicações de ouro e pedraria. Tal é um bom exemplo a adaga com o punho em cabeça de cavalo, da colecção Caravana.

Da colecção destacamos ainda dois escudos: um lavrado em prata e o segundo em cobre esmaltado. O primeiro, circular, como habitualmente, revela em cinco reservas as figuras de altos dignitários, sentados frente a uma balaustrada que os separa de um jardim. Todo o restante fundo do escudo é trabalhado com ricos entrelaçados vegetalistas. Provem da armaria do Sultão Tippu Sultan de Mysore, executado no último quartel do século XVIII, largamente influenciado pela ourivesaria mogol, com as suas superfícies completamente trabalhadas. O segundo escudo, que cremos cronologicamente anterior, é totalmente coberto de esmaltes opacos, na técnica do *champlevé*³³. Trata-se de uma obra provavelmente realizada no Decão, apresentando ao centro ricos motivos florais enquadrando animais em luta, tema recorrente nos escudos mogois.

Sobre a presença, já algo tardia, de armas mogois em Portugal gostaríamos de referir a adaga com punho e bainha de ouro enriquecida com diamantes, rubis e esmeraldas, enviada em 1700 pelo imperador mogol Aurangzeb a Pedro II. O seu destino é-nos completamente desconhecido³⁴.

4. Kris das Deutscher Orden. Súmula da presença de Portugal no Oriente.

Em 2000 tivemos oportunidade de obordar uma peça verdadeiramente excepcional pertencente às Deutscher Orden, em Viena³⁵. Trata-se de um kris malaio enriquecido com elementos ornamentais provenientes de diversas origens, todas elas associadas á presença dos Portugueses no Oriente. O kris possui lâmina sumptuosamente ornamentada com motivos vegetalistas e animais. O punho, em corno de rinoceronte, representa uma figura fantástica misto humana e ave, enriquecida com ouro, rubis e safiras. A bainha é em madeira lacada de verde com representação de figuras de animais, plantas e flores em ouro.

A mais antiga referência documental a este kris encontra-se no Inventário dos Bens do Arquiduque Maximiliano, realizado em Innsbruck, em 1619. É sucessivamente referenciado no Inventários das Deutscher Orden ao longo do século XVII, sendo, em 1632 referido explicitamente como indiano. Esta peça apresenta-se como uma obra de grande interesse para a história das relações artísticas no Oriente, já que possui algumas

³³ Para um elemento de escudo no mesmo processo decorativo, atribuído à Índia Mogol ou ao Decão conf. Manuel Keene, *Treasury of the World*, cat. 6.11, p. 66.

³⁴ *O Índico na Biblioteca da Ajuda*, Lisbon, CNCDP, 1998, p. 304.

³⁵ *Exotica. Os Descobrimientos portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, (catálogo de exposição), coord. Helmut Trnek e Nuno Vassallo e Silva, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, cat. 87 (versão portuguesa da exposição, *Exotica: Portugals Entdeckungen in Spiegel fürstlicher Kunsts - und Wunderkammern der Renaissance*, Wien, Kunsthistorisches Museum, 2000).

características muito próprias, sendo uma peça sucessivamente enriquecida com elementos de várias paragens. O kris é malaio, possuindo o cabo elementos em ouro e pedraria, sempre na combinação de rubis e safiras, que se filiam na produção atribuída ao Ceilão, dentro de joalheria *Tamil Nadu*, de que se conhecem importantes exemplares. Tratam-se de obras onde o valor dos materiais é reduzido, - as gemas geralmente são pouco mais que medíocres – mas compensado pelas atraentes montagens em ouro. O elemento de ligação, em semi-esfera, entre a lâmina e o punho do presente kris, em muito se aproxima das jóias cingalesas que chegaram aos nossos dias. Este elemento, por exemplo, remete-nos para os globos das base de figuras em cristal-de-rocha dos Meninos Jesus, ou mesmo da base de um selo, igualmente em cristal de rocha, com rubis e safiras, proveniente das colecções imperiais austríacas ³⁶.

À bainha, em madeira lacada e dourada, é contudo mais difícil de atribuir uma origem. Diversos trabalhos têm sugerido novas atribuições às obras em laca realizadas no Oriente para o mercado português. Este trabalho de laca mereceu na última década grande interesse, tendo sido atribuído fundamentalmente a dois centros artísticos: Cochim e Costa de Bengala. A Cochim, devido à sua importância na realização de obras em madeira, e à sua situação entre Goa e o sudeste asiático. Acrescente-se a presença de uma importante comunidade chinesa. Outra sugestão é a Costa de Bengala, bem mais a norte, onde se executavam obras em laca e onde se encontram tecidos bordados com motivos aproximados, associando-se às descrições de viajantes que referem a produção de obras lacadas nesta região ³⁷.

Este tipo de ornamentação, com óbvias alterações, encontra-se associado a peças muito sumptuosas realizadas para o mercado português, mas cuja origem exacta ainda não foi possível determinar. É o caso do interior de um escudo de pele de raia, igualmente pintado com flores e pequenos animais a ouro.³⁸ A mesma gramática ornamental surge na designada “mesa do Cardeal Alberto”. Ambas as obras são pela primeira vez referenciadas no inventário de 1596, das colecções do Arquiduque Fernando II do Tirol ³⁹. Mais perto de nós destacam-se motivos aproximados, lacados a ouro, no interior do sumptuoso cofre da Igreja dos Barbadinhos de Lisboa, dos finais do século XVII ⁴⁰.

Tão grande número de influências díspares, mas todas associadas ao império português e ao comércio de luxo que então se desenvolveu, sugerem, segundo opinião de Jean-Michel Massing, a hipótese desta obra ter origem num único local, um centro de grande cosmopolitismo, como é o caso de Goa ou no ainda por descobrir mercado de Malaca⁴¹.

³⁶ *Ibidem*, cat. 76.

³⁷ Pedro Moura Carvalho “Um conjunto de lacas quinhentistas para o mercado português e a sua atribuição à região de Bengala e costa de Coromandel” in *O Mundo da Laca. 2000 anos de história*, (cat. de exposição), Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 134-140.

³⁸ *Exotica: Portugals Entdeckungen in Spiegel fürstlicher Kunts - und Wunderkammern der Renaissance*, cat. 117

³⁹ *Exotica. Os Descobrimentos portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, cat. 68.

⁴⁰ *A Herança de Rauluchantim: Ourivesaria e Objectos Preciosos da Índia para Portugal nos séculos XVI - XVIII*, (catálogo de exposição), Lisboa, Museu de S. Roque / CNPCDP, 1996, cat. 5.

⁴¹ Jean-Michel Massing, “Kris” in *Encompassing the globe : Portugal and the world in the 16th & 17th centuries: Reference catalogue*, Washington, 2007, cat. P-44.

Este kris surge como uma verdadeira súmula de diversas produções o que o torna uma exemplar verdadeiramente nico. Saliente-se que apenas se conhecem quarenta kris malaio em colecções europeias anteriormente a 1800, sendo este o mais recuado e sem dvida o mais interessante.

5. A Adaga de D. Sebasto

Um dos documentos que melhor atestam o altíssimo reconhecimento em Portugal, das obras dos armeiros e dos ourives indianos, encontra-se na descrição da recepção, na sala dos cisnes, no paço de Sintra, do Embaixador do Sultão de Bjiapur, por D. Sebasto, em 1575. Relatando todo o cerimonial, na carta que enviou a Roma, o jesuíta Fernando Guerreiro, descreve com grande destaque a adaga de ouro que o embaixador havia entregue ao rei português. A descrição  longa, mas profundamente elucidativa, quase que sugerindo o olhar de um joalheiro, num extraordinário documento sobre a joalheria e armaria do Deco no ultimo tero de quinhentos:

“O presente vimos depois e são as peças de huma adaga de comprimento de dous palmos e meio, toda guarnecida de ouro e de riquíssima pedraria, com tantos labores e artificio que nos espantou haver na India quem fizesse tal obra: a bainha era toda de ouro mocisso, de huma parte rasa e sem labores, e da outra cheia de riqueza; o punho era todo pedraria, tinha principalmente hum robi do tamanho de huma noz, e afora este tinha outros muitos; e a mim me parece que contaria cento e setenta, alem dos que não pude contar por não teer geito, com o quaes me parece que serão mais de duzentos, entre os quaes havia alguns grandes, especialmente sinco, postos por tal ordem na bainha que, assi como se ião chegando pera a conteira, assi ião desfalecendo hum pouco na grandesa, e o mais pequeno destes teria tamanho como hum vintem ovado, e esta figura tinho todos tirando o maior que acima disse. Entre cada dous robis destes grandes havia uma esmaralda, e a maior de todas em roda seria maior hum pedaço que hum vintem, e tobem ião desfalecendo na grandesa assi como se ião chegando para a conteira, de modo que a mais pequena seria como hum bom feijão, e assi serão tobem os mais pequenos robis de todos. A conteira era huma safira que seria tamanha como huma nos me, de huma cor azul escura, muito fina e resplandescente, e acabada em figura pyramidal. Tinha tobem trinta perolas do tamanho de mediocres avelãs, e erão todas iguaes na grandesa: estavo postas por muito boa ordem. Entre a outra pedraria havia tobem alli dous olhos de gato, que na grandesa se igualavam com as perolas, e ainda que estes não sejo de muiyto preço entre nós, são-o entre os mouros porque têm nelles grandes agouros. Aleem de toda esta pedraria grossa, a pedraria meuda não tinha numero nem se podia contar: por todas as bordaduras da bainha tinha enxeridos muitos diames pequenos, e todas as quinas dos labores que erão muitos não erao outra cousa senão diames pequenos; e alem de todos estes pequenos, as melhores duas peças de todo o presente erão dous diames mui grandes e mui ricos fora da guarnição da adagua, cada hum delles encastado em ouro e pendorado de huma cinta estreita tecida tobem em ouro e destes era tamanho como hum meio tostão de prata, de figura quadrada com, duas pontas todavia correspondentes mais saidas alguma cousa ao modo dos papeis que nas cartas celladas se põem.”⁴²

⁴² *Documenta Indica*, ed. Josef Wicki, vol. X, Roma, 1968, pp. 1060-1061.

Esta adaga terá entrado no tesouro da casa real, sendo provavelmente conservada na Real Armaria do Paço da Ribeira onde se exibiam inúmeras armas aos visitantes mais ilustres à Corte de Lisboa. Aí o delegado do Papa, o cardeal Alexandrino, em 1571, admirou o célebre arreo executado em Vijayanagar para o cavalo de D. Sebastião ⁴³. Era todo em metal coberto a ouro, na técnica do *kundan*, engastada com rubis, diamantes, esmeraldas e outras gemas. O arreo havia de seguir um pouco o destino da nação, sendo desfeito em Madrid, após 1602, tendo-lhe sido retiradas todas as gemas importantes, aproveitadas para jóias dos Habsburgos ⁴⁴. O gosto da Casa Real Portuguesa por armas orientais é patente não apenas nos inventários régios, mas igualmente numa listagem realizada para Filipe II de Espanha, após 1580, de várias preciosidades do tesouro real⁴⁵. Listagem que concluíra peças que provavelmente foram adquiridas para o resgate dos cativos em Marrocos. Destacam-se uma adaga da Índia com punho em cristal azul e maçã e bainha tudo forrado a ouro com uma cadeia de ouro onde se pendura. Na cadeia possui uma rosa de rubis, diamantes em pérolas; outra adaga da Índia com o punho e baia em ouro cheias de rubis e turquesas; outra adaga da Índia com o punho de cristal e cabos e bainha cheia de rubis, turquesas e diamantes, e ainda algumas esmeraldas. Abrindo um parênteses diga-se que estas referências a adagas indianas com rubis e turquesas, uma combinação muito rara, sugerem tratar-se de uma produção, provavelmente, do Guzarate. Na colecção al-Sabat encontra-se um notável exemplar aproximado ao da primeira arma descrita, com o punho em ouro com rubis e turquesas ⁴⁶.

No documento que seguimos encontramos outra adaga com o punho em marfim e cris e bainha de prata lavrada de relevo “de obra de modão”(sic) e o punho lavrado de ouro com perola de seis quilates”. No rol ainda são registadas uma outra adaga pequena com punho de marfim lavrado de “tanxia” de ouro e a bainha de prata esmaltada e dois tailizes com os punhos “de arno com feição de feguras / e as bainhas de pao foradas de hũa das bamdas de ouro / hũ deles tem hũ emgaste douro com sete robis”.

6. Conclusão

A arte dos ourives nas armas Indianas prolongaria-se pelos séculos seguintes. Ainda em 1717, o 1º conde de Sabugosa, 34º vice-rei da Índia, no regresso ao Reino acompanhava-se de um espadim com gancho, virote e punho “de fio”, maçã e ponteira, tudo em ouro, guarnecido com centro e noventa diamantes, de lapidação rosa, vinte e nove dos quais de considerável tamanho. Trouxe ainda uma cabeçada para cavalo, em ouro esmaltado, guarnecido com pedras preciosas, nomeadamente vinte e seis pérolas, doze das quais maiores “apengentadas”, isto é em forma de pingente. Possuía igualmente vários rubis, o maior lapidado em cabochão e no centro da peça, uma grande esmeralda. Estas jóias, que mais tarde foram avaliadas pelo contraste da Corte, Manuel Pereira da Silva, que não deixou de destacar serem “obra da India” ⁴⁷.

⁴³ Maria Augusta Lima Cruz, "Uma jóia rara na Corte portuguesa - o arreo, feito em Vijayanagar, para D. Sebastião", in *Mirabilia Asiatica: Produtos raros no comércio*, coord. Jorge M. Santos Alves, Claude Guillot & Roderich Ptak, Wiesbade, Harrassowitz & Fundação Oriente, 2003, pp. 175-184.

⁴⁴ F. J. Sánchez Cantón (ed.), *Inventarios reales, bienes muebles que pertenecieron a Felipe II*, I vol., Madrid, Real Academia de la Historia, 1956, pp. 250-251.

⁴⁵ B.A. 49-X-3 , fl. 489 – 294v , publ. In Nuno Vassallo e Silva, “Filipe I e as jóias da Coroa de Portugal” in *Actas do II Colóquio de Ourivesaria*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, 2009 (no prelo).

⁴⁶ Robert Elgood, “Mughal Arms and the Indian Court Tradition” , p. 143.

⁴⁷ Nuno Vassallo e Silva, *A Ourivesaria entre Portugal e a Índia: Século XVI ao século XVIII*, pp. 140-141.

Com uma longa tradição do trabalho de ourives na realização de armas em materiais preciosos, que praticamente se perde no tempo, os Portugueses encontraram no Oriente, e especialmente na Índia, oficinas que lhes passaram a fornecer armas de uma sumptuosidade, verdadeiramente inigualável. Por outro lado testemunhava, pelo menos ao longo dos séculos XVI e XVII, um gosto pelo exotismo, que “invadira” a sociedade de então, como a própria expansão de um império marítimo. Facto que em muito explica o grande interesse que mereceram entre nós e a influência que marcaria a própria produção indiana, nas suas mais diversas regiões, nas mais diversas técnicas e ornamentações.